

Nota antes

Rafael Tiago, um tipo pouco mais novo do que eu, muda pneus, arranja motores e malha chassis. O óleo dos travões, engrenagens e sistemas hidráulicos embebeu-se-lhe na pele como uma tatuagem, espécie de *mehndi* na mão esquerda. Ele deve ter vergonha porque passa a vida a coçar-se para ver se aquilo sai. Está farto de afinar sistemas de injeção e de seguir as ordens do superior, aperta aqui, enlaça ali, e quer mudar para marcenaria porque diz que Jesus era carpinteiro e ele admira muito Jesus. Fico com a ideia de que acha Cristo um outro Churchill.

Aparenta muito mais de vinte e tal anos. A puberdade atingiu-o em cheio à nascença e daí para cá deteriorou-se. Resta saber até que ponto isto é físico. Conheço alguém que aos doze fumava às escondidas para aliviar os nervos e queria arranjar uma caseirinha que um dia lhe lavasse a roupa – não é de espantar que já tivesse cara de velho. O Rafael também lembra um velho encaixado à força num corpo de jovem, o que é natural, se pensarmos nas circunstâncias.

Conheci-o num dia em que granito, asfalto e cimento assentavam na cidade como a primeira neve. Só no Porto

tanto feio e tanto betão se parecem com uma coisa bonita, o que vale de pouco, já que o encanto acaba quando bate o sol. Pelo menos o sol não bate assim tantas vezes.

Eu participava num encontro com leitores na Biblioteca de São Lázaro, irritado por em breve ter de atravessar o nevoeiro que o rio largava entre a Ribeira e o Cais de Gaia, quando ele apareceu com um envelope estendido.

Não foi o primeiro. Chegam pedidos ao *mail*, gente com história de vida, gente sem história de vida, gente com títulos como *Crónicas de Um Espermatozóide* ou *De Faxineira a Doutora*, e volta e meia nas sessões de escritor-caixeiro-viajante alguém estende um envelope e pede, como o Rafael, se posso lê-lo.

No assunto põem «Fazer um livro», depois explicam «Ou seja, todo o meu percurso histórico, dos meus amores e projectos de desenvolvimento e outros, porque eu vou fazer anos no dia [tal] e acho que mereço o que há muito ando a sonhar», e terminam com «Peço-lhe por favor». O por favor é mais ameaça do que súplica, corda à volta da garganta: quem és tu para ignorares a nossa alegria, o nosso sofrimento?

O sobrescrito do Rafael ficou esquecido na secretária. Deitava-o fora quando reparei numa dedada suja por cima do remetente. A carta começava com «Às vezes, a vida é uma coisa tão bela que choro de ternura e não ligo ao que dizem», seguindo-se muitas linhas em branco antes de uma lista de coisas bonitas.

Parafraseando, porque ele nunca a escreveria assim:

A canção que o senhor António assobia de manhã enquanto o Rafael bebe café.

A Júlia que serve às mesas, com olhos que lhe apetece arrançar de amor. Ainda são novos e seriam bons um para o outro.

O vento enfileirado nas ruas, a agitar os espanta-espíritos pendurados nas varandas.

Discussões entre namorados que acabam em nada ou em beijo.

Crianças que pedem atenção.

Pneus a rolar pela estrada.

Donos de cães que apanham a merda quente com sacos que mal lhes cobrem as mãos.

E até o arrancar de um motor arranjado por ele.

A primeira página terminava com «Isto são só as coisas que vi hoje e gosto de as apontar porque é fácil esquecer o que há de bonito na vida».

A lista lembrou-me Eva Aurora Santos, mulher de pelo menos cem anos que um dia entrou no meu carro e exigiu, a bengaladas, que a levasse à Segurança Social. «Arranca lá, que tenho pressa.»

No caminho descreveu como gostava de pão com marmelada e como eram ácidas e doces as laranjas que cresciam lá na terra. Deixavam suco pegajoso nos dedos. Mas as belezas preparavam o golpe, escondiam a confissão.

Voltávamos da Segurança Social quando me disse que a filha era pequena, mulher, e ele grande, homem. Não havia escapatória: assim que ele entrou em casa e a prendeu no quarto de banho, já decidira o que fazer dela. A filha era forte como uma chama, mas ele sacou da faca e apagou a chama pela garganta.

Mal Eva entrou no carro, embora primeiro só falasse de doçuras, eu soube que trazia consigo uma história. Quanto ao Rafael, só tive essa intuição ao ver a dedada de óleo no envelope.

Encontrámo-nos num café do Carvalhido que eu frequentava por espírito de combate, já que o cheiro das casas de banho nunca acalmava. Pensei que ele ficaria mais à vontade num sítio desses.

Calculei que chegasse atrasado – e afinal até podia desistir. «Marcamos no sábado à tarde por causa da oficina.» Nem ele nem eu sabíamos ao que íamos. Eu esperava que a lista de coisas bonitas escondesse um grande horror; ele esperava que a minha escrita realçasse a beleza, o tal chorar de ternura e não ligar ao que dizem.

Mas chegou a horas. Trazia uma pasta de onde saíam papéis em desordem, amálgama de apontamentos, recortes de jornal, peças processuais e ditos em desconjunção. «Tens aqui isto. É tudo o que me lembro, e mais as notas que juntei.»

Tomámos café. Nunca tirou o capuz, mas sempre que levava a chávena à boca eu via o brilho de um brinco de feira. Quase não falámos.

No fim, dei-lhe *O Meu Irmão*, cada vez mais moeda de troca do que romance, e ele disse-me que só lia o desportivo, mas reconhecia a importância dos livros.

Nos dias seguintes procurei dar sentido aos papéis, mais ou menos como conversar com o casal que exige justiça à porta da Procuradoria-Geral da República.

Com espanto, percebi aonde o Rafael queria chegar e soube que me oferecia tudo o que eu procurava: a colisão de mundos em perigo, o conflito dos intervenientes com ele no centro, a problematização do corpo, as consequências da miséria, essa palavra que já não se usa mas ainda se aplica, o equilíbrio entre o desespero e a esperança. Quer dizer, nada de especial.

A partir daí, pesquisei os acontecimentos a fundo.

Li o processo judicial sem parar, como se dissesse respeito a alguém próximo. Factos provados, ponto 10.º em diante, o espaço «húmido, escuro e inóspito, onde quase ninguém passa»; pontos 23.º a 94.º, resumo da semana de 15 a 22 de Fevereiro; frases como «estado de enfermidade agravado»,

e íntimas como «queria um cigarro e paz», ou «chegando inclusivamente a confeccionar-lhe refeições no local».

Estudei a imprensa que explodiu por essa altura. Doze anos depois, ainda produz uma ou duas peças sobre o assunto. Excertos como: o parque contribui para a segurança do local / / era frequente serem vistos à noite / pode dar pano para mangas se os advogados quiserem complicar / vai ser transformado em centro de apoio a empresas, clínica médica e clube de saúde.

Mais importante, meti-me ao trabalho de campo sem o qual um livro como este não se escreve: forcei a entrada no cenário principal, entrevistei amigos e conhecidos daquela gente, consultei o boletim meteorológico do IPMA relativo ao mês em causa, fui aos bares e abordei pessoas em cafés, pelas sete e meia da manhã.

Depois baralhei com ficção, que é como se faz um romance.

Encontrávamo-nos sempre que calhava ir ao Porto. Para qualquer urgência usávamos o telemóvel. Ele respondia com poucas palavras, mas tão bem escolhidas que encaixavam em cheio onde eu as queria pôr.

No ano passado vimo-nos no Carvalhido pela última vez. «Está tudo pronto», disse-lhe. «A história é tua, como se fosses tu a contá-la, mas eu escrevo-a por ti.» Ele baixou a cabeça, como a entregar o cachazo, livre de lisonja ou vaidade. Só queria que eu contasse os acontecimentos tal e qual – mais nada lhe interessava. Talvez julgasse que pôr a história no papel a tiraria do peito, de onde na verdade ninguém a arranca. Mas isso não lho disse.

Nas despedidas insistiu em que se queria livrar da oficina, e coçava-se mais e com mais força. Assegurei-lhe que um dia subiria a marceneiro, sem dúvida, mas claro que nunca vai sair daquilo e só a morte lhe apagará as tatuagens do óleo. E é mais do que merece.

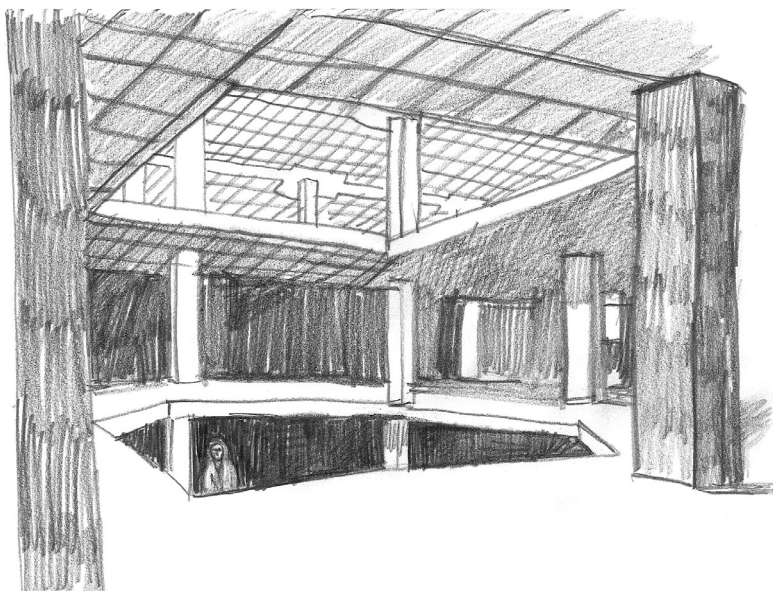


Procurávamos as zonas sujas da cidade. Chamávamos-lhes assim. O Néelson preferia falar de sítios proibidos, mas o Samuel descartava o termo porque não eram sítios nem eram proibidos, e se o Néelson e eu destruíamos, ele destruía e criava.

Tínhamos quase a mesma idade, e no entanto abrira-se um sulco entre nós: o Néelson e eu de um lado, o Samuel do outro, meses mais velho, dono do lápis de carvão e sobretudo dono de como usá-lo. Andava com este lápis gasto e com o bloco que pedinchara à mulher da papelaria (ela cedeu e disse «Toma lá e não faças disparates», mas quantos disparates podia ele fazer com um *Canson* 120 g?).

Eu fingia não perceber os impulsos – dizia-lhe que era coisa de paneleiro, de gente rica, de lerdos, e impressionava-me ele responder sempre, com raiva de pugilista às cordas, «Isso achas tu, caralho». Mais do que os meses que nos separavam, punha-se entre nós a arte e o excesso de sensibilidade para o dia-a-dia, como se as zonas sujas da cidade não fossem dignas dele, a não ser quando davam o modelo dos desenhos.

Guardei este:



Mas a zona suja que ele reproduz só lha dei a conhecer mais tarde.

Por enquanto divertíamo-nos noutros sítios, por exemplo, na Prelada. As obras do novo bairro tinham parado e as ruas serviam-nos de cenário. Havia qualquer coisa bela e aliciante nas lajes de cimento, nas ruas abandonadas, nos restos que a construção largou à sorte de gajos como nós.

Manhã cedo saíamos da Oficina de São José e apanhávamos o autocarro perto da Ponte do Infante. Eu esgueirava-me pela porta de trás e eles pela da frente, escondidos atrás das hordas. O motorista quase nunca nos apanhava.

O autocarro suava, o bafo das pessoas picava-nos a pele, os olhos e o fundo da garganta. Mas eu gostava da carreira porque ficava sozinho por uns minutos. Quer dizer, sozinho com eles lá mais à frente. Entre tantas pessoas, encostava-me à vontade a uma rapariga qualquer. Sem que ninguém reparasse, fazia-lhes sinal de que a gaja era mesmo boa e eu estava mesmo teso.

Quando saíamos na Prelada, a sensação quase doentia da viagem dissipava-se, eu voltava a ser o mesmo tipo que não sabia de onde vinha e não tinha para onde ir, mas daí a minutos explorávamos o bairro abandonado, as zonas sujas, e a ansiedade dava descanso por umas horas.

Com esforço percebia as motivações do Samuel: cinco prédios escalavrados cada um a seu jeito, e em volta os despojos das obras; canalizações de PVC empilhadas, um terreiro só para nós, garagens onde tantas vezes encontrávamos gente que se amanhava com fogueiras e cartões em busca de calor.

Coisas boas de desenhar.

Os prédios, mal protegidos por placas de contraplacado e apoiados em escoras, lembravam doentes de muletas. Nos campos em volta, *Pit bulls* ladravam só porque sim, varas de porcos afocinhavam nas ervas e na terra, e os ciganos montavam as barracas. Naquela época, pelo menos na periferia do Porto, ainda se encontrava muito disto e ninguém fazia caso.

A água escorria pelas estruturas vários dias depois das chuvas. Subir era uma provação. Mais do que o desafio, queríamos a paz que só encontrávamos em locais específicos e de difícil acesso. Antes íamos pela aventura, mas agora, aos doze anos, subíamos ao último andar para ver a cidade à distância, uma vaga que não nos levava – ou pela qual não queríamos ser levados.

A calma do último piso, plataforma suspensa entre este e o outro mundo, fazia-nos esquecer as ruas, a EB 2/3 Pires de Lima e a Oficina. O tempo parava na respiração deles, estafados como eu e como eu de sangue a pulsar nos pés, distantes da cidade em baixo e da vida pela frente. Também eles a adiar, o quê, não sabíamos. A adiar.

O Néelson acendia um cigarro e dizia, traduzindo o que pensávamos, «Mas que puta de coisa», e eu respondia a medo

que as coisas não eram bem assim. Afinal, podíamos valer-nos uns aos outros. Pensando bem, não sei se teria coragem para me expressar deste modo, decerto concordava com ele, reforçava «Que puta de coisa», e cuspiam para a rua, oito andares de bisga em queda, para provar que conhecia a vida a fundo e ela era detestável.

O Samuel calava-se, ficava a desenhar sentado nos tijolos. Retratava factos – nunca desenhou pessoas, excepto a do desenho acima (mal se vê porque é muito pequena no meio das colunas, à esquerda), e isso também foi um problema. Hoje gostaria de me ver num desenho. Ele bem tentou passar ao papel coisas volúveis e maleáveis como nós, mas o Néelson dizia-lhe que não, mas que merda era aquela, eu num desenho com o Rafa; o Samuel buscava o meu apoio, só que eu respondia que merda era aquela, eu num desenho com o Néelson. Ele que usasse a paisagem, o Porto, o caralho mais velho. Se ainda existem, os desenhos devem ser ociosos, palcos sem protagonistas, e a culpa é minha e do Néelson. Mas suponho que ardeu tudo.

Numa dessas investidas, entrámos no prédio-norte, que ficava à frente das casas habitadas. Não quisemos ir antes porque receávamos que chamassem a polícia.

As grades da garagem cederam ao primeiro pontapé. O Néelson foi à frente, a tentar ver alguma coisa com a luz do telemóvel. Avançámos muito juntos porque, apesar da desenvoltura, a verdade é que explorávamos uma cave desconhecida. Podíamos encontrar alguém, espetar-nos num vidro, rebentar um braço ou cair num buraco.

Eu imaginava-me no fundo de um poço.

Um passo em falso e caía, contorcido na lama e na água estagnada. Ainda via as sombras do Samuel e do Néelson e ouvia «Rafa, como é? Estás bem?», mas já não respondia,

demasiado ocupado a morrer. E então desaparecia, mas sei lá como ficava consciente das cercanias e do corpo, coisa mirrada que seguia o processo. Primeiro o rigor da morte, depois a putrefacção, as varejeiras, os ovos das varejeiras e então as larvas. De olhos abertos mas cego, sentia os movimentos do meu interior, observava o Néelson e o Samuel que apareciam para velar o cadáver, nunca resgatado porque eles ficariam calados para evitar bronca na Oficina. Numa derradeira prova de amizade, não me escandalizava a cobardia e deixava a carne escapar-se-me sem mais.

Claro que era só fantasia. Não me desviei um passo do lado deles, com medo de cair ou de me perder entre espigões enferrujados, betoneiras rachadas, invólucros de cimento em pó e tijolos aos montes.

Chegámos ao último andar, mais alto do que as casas em frente, e demos com uma vista nova: o mar da Foz. Eu disse «Que lindo» e o Néelson até suspirou.

O Samuel mostrou-se indiferente, não lhe interessava o mar, ou melhor, disse que dali não víamos o mar. Víamos só uma mancha azul, paisagem parada como outra qualquer – e, quanto a ele, o mar era o oposto disso.

Quis esmurrá-lo porque a exclamação foi para lhe agradar, mais ou menos como dizer por outras palavras que o admirava. Nenhum de nós tinha aquilo a que hoje sei chamar dom, arte num sentido diferente da arte de garagem. Na altura, o dom escapava a nomes, por isso «Que lindo» foi a minha tentativa de expressar a realidade de maneira mais perfeita, tirando imagens de um sítio para as colar noutro.

Também me irritou dar-lhe carta branca para ser maior, para sair daquela porra de vida, ser mais do que um utente da Oficina, e ele não perceber e até desdenhar.

Olhei de novo para o mar e também o achei parado, um bloco azul em tudo igual, menos no tamanho, à mancha da cidade enevoada e sem árvores. A opinião dele destruía a minha, era mais válida em questões de talento.

Fiz um sinal de desdém ao Néilson, encolhi os ombros e disse «Tu lá sabes, Samuel».

Regressámos à Oficina depois do fim das aulas. Por norma, voltávamos mais cedo para evitarmos problemas. Encontrámos o Fábio numa esquina da Duque de Loulé a falar com a empregada dos Bilhares Triunfo. Acenou-nos e berrou «Da próxima vou com vocês!» e nós disfarçámos porque não queríamos a companhia de um tipo mais velho com tendência para apalpar à descarada nos bancos de trás do autocarro. Era certo que as mulheres berravam e depois havia problemas com o motorista.